

Associação de Dança do Recife: instante de emergência e de construção de permanência de uma cena profissional

Liana Gesteira Costa¹

O pensamento de historiografia trabalhado no Acervo RecorDança, segue a perspectiva da Nova História, que compreende uma temporalidade não linear, constituído de contextos paralelos e co-habitantes. Uma visão do tempo irreversível (Britto,2008), assumindo, portanto, que não podemos hoje reviver o passado. Uma concepção de história como recriação do passado a partir de um olhar atual. Assim, trazemos uma discussão sobre a atuação Associação de Dança do Recife (ADR) como parte integrante do processo de profissionalização da cena de dança do Recife, por um ponto de vista do presente. Entendendo, entretanto, que esse cenário profissional se apresenta como um sistema complexo de ações descontínuas no contexto recifense.

“A partir desta perspectiva de temporalidade assimétrica na interpretação e descrição dos sistemas culturais, não é mais possível referir-se ao comportamento deles em termos de trajetória. Pois sua atividade configura processo.” (BRITTO, 2008:51)

Assim, vamos discutir nesse artigo a atuação da ADR como um processo, que não se estabilizou no tempo, mas que reverberou no futuro, multiplicando sua ação em outros contextos da cena profissional do Recife, se configurando como um estado de permanência.

“A permanência correspondendo ao conceito definido pela Teoria Geral dos Sistemas, como o mais fundamental de todos os parâmetros sistêmicos, e diferentemente do caráter estático contido na noção de permanência associada a estabilidade, refere-se ao sentido de continuidade dos processos de transformação...A permanência pensada não como um acontecimento, mas como o que não pára de acontecer.”(BRITTO, 2008:41)

¹ Coordenadora do Acervo RecorDança, bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco e especialista em Dança pela Faculdade Angel Vianna.

Para uma melhor compreensão da constituição desse cenário profissional é preciso tecer reflexões sobre as formas de organização e produção dos profissionais da dança. No Recife, os anos 80 foi um momento de emergência dessas questões. Na época, o país passava por um período de abertura política, após 15 anos de ditadura, e a arte da dança no Recife se encontrava em um contexto de intensa formação de artistas, por um lado, mas de desvalorização e marginalização da sua atuação profissional. Foi preciso criar formas alternativas de se organizar para produzir artisticamente. E foi desse cenário que emergiu a Associação de Dança do Recife.

A entidade foi fruto de uma articulação conjunta de artistas em prol de um ambiente mais profissional para sua atuação. Uma perspectiva de consolidar um terreno propício para a produção artística profissional, além das iniciativas de criação oriundas das escolas e academias de dança.

Nas décadas de 50, 60 e 70 o ensino não-formal da dança teve uma contínua e expansiva atuação no Recife. As escolas e academias se proliferaram ao longo desses anos, consolidando um terreno fértil de formação técnica em dança. E o meio mais comum de dar vazão a criação artística acontecia nos eventos produzidos ao final do ano por essas escolas e academias. Uma prática que até hoje é vigente na cidade e cumpre um importante papel da produção artística, para além das criações dos grupos e companhias atuantes no cenário local.

Esses espetáculos, apesar de estarem inseridos em um contexto de formação, já apresentavam uma preocupação com a qualidade técnica e artística. Na década de 80 as academias Arte e Movimento, Arte e Vida, Studio de Danças, Carolemos Dançarte, Mônica Japiassú, Academia Nelma Guerra, entre outras, tiveram uma importante de atuação nesse contexto. Nos registros em vídeo do Acervo RecorDança, podemos acessar o espetáculo Corsário (DVD 27), de 1985, da Arte e Movimento, que reunia vários artistas que posteriormente viraram coreógrafos de grupos e professores da cidade e teve como coreógrafas Suyenne Simões e Isabel Sehbe Peixoto. Essa escola promoveu uma série de espetáculos nesse formato, como Emoção dirigido por Suyenne Simões, O que é Melhor pra Gente (1983), dirigido por Rubem Rocha Filho e coreografado por Walter Monticelli, entre outros trabalhos. A Academia Mônica Japiassú também teve intensa atuação nesse cenário, reunindo em seus espetáculos

alunos e outros profissionais da cidade, como aconteceu no espetáculo *Lorca: Verde que Te quero Verde* (DVD 54), realizado em 1982.

Algumas academias de ensino do balé clássico investiam, inclusive, em convidar profissionais de fora da cidade como protagonistas de seus espetáculos. Essa iniciativa visava garantir ao público um trabalho de qualidade, conjuntamente com a perspectiva de apresentação de seus alunos. Como exemplo dessa prática, podemos citar o balé *Dom Quixote* (DVD 20) produzido pela escola Carolemos Dançarte, em 1998, que teve como protagonistas os bailarinos Andrea Tomioka e Everson Botelho de São Paulo, mas que também reuniu profissionais do balé de outras academias de dança do Recife.

Apesar da perspectiva profissionalizante do ensino nas escolas não-formais, a sustentabilidade financeira dos artistas na década de 80 ainda estava distante de um cenário profissional para além do ensino. Muitos deles tiravam o seu sustento do trabalho como professor, mas dificilmente recebiam cachês pelas suas apresentações. Ao contrário, a produção dos espetáculos das escolas, em geral, era custeada pelos alunos e artistas envolvidos.

Associação de Dança do Recife

Criada em 1982, a Associação de Dança do Recife foi resultado da mobilização de artistas que integraram o elenco do espetáculo *Capataz de Salema*, de mesmo ano. A ADR foi um órgão com todos os requisitos legais necessários para sua atuação. O seu objetivo era garantir os direitos do profissional de dança, buscando meios de viabilizar espetáculos e oferecer condições de trabalho para a classe. A entidade, que atuou na cidade até 1985, foi responsável por uma intensa produção de espetáculos durante suas atividades.

“A Associação de Dança do Recife tem como objetivo despertar interesse da dança em Pernambuco, realizando espetáculos que por sua filosofia, técnica de trabalho e conteúdo possam despertar o público para uma maior valorização dos profissionais de dança do Recife. Para cumprir esta meta a ADR está aberta a coreógrafos, bailarinos e professores dessa cidade para auxiliar na continuidade deste trabalho. Com estes propósitos a Associação realizará não só espetáculos como também aulas, cursos,

reuniões e palestras a fim de elevar o nível de nossos trabalhos, aprofundando os nossos anseios artísticos. A Associação cumpriu uma de suas principais metas: reuniu um diretor, um músico, dois coreógrafos, produtores e 18 bailarinos de diversas escolas que juntos realizaram o espetáculo Capataz de Salema”, texto retirado do programa do espetáculo Capataz de Salema, publicado em novembro de 1982.

Assim, podemos entender a ADR como um momento de auto-organização de um grupo de artistas já experientes e novos expoentes da dança recifense. A entidade tinha uma perspectiva de flexível de funcionamento, que formava um elenco específico para cada espetáculo produzido, de acordo com a disponibilidade dos artistas e da concepção da obra. Essa perspectiva de organização foi peculiar para a época, pois, em geral, as iniciativas profissionais de dança do país advinham de grupos e companhias que visavam um elenco permanente e uma rotina de atividades cotidiana entre seus integrantes. No Recife, algumas iniciativas já mantinham esse tipo de perspectiva na área da dança popular, como foi o caso do Balé Popular do Recife, Grupo Deveras e o Balé de Cultura Negra do Recife, que detinham um trabalho de grupo continuado. Mas as outras estéticas de dança, como o balé clássico, o jazz, a dança moderna, e etc, tinham como um único espaço possível para a criação as escolas e academias da cidade.

Assim, o surgimento da ADR proporcionou um espaço alternativo para criação em dança na cidade. Um espaço de experimentação, de trocas, e que agregava artistas de diferentes áreas, desde a criação do espetáculo, a criação da trilha sonora, da arte gráfica e do registro de espetáculos por fotógrafos².

Esse território multidisciplinar e livre para a criação permitiu a consolidação de vários espetáculos durante os anos de atuação da ADR. Em 2003, foram realizados dois espetáculos na cidade: O Anjo Azul (DVD 54), coreografado por Mônica Japiassú e com direção de Rubem Rocha Filho e Piazzollada (DVD 54), coreografado por Zdenek Hampl. Em 1984, foram produzidos os espetáculos À Toda Prova, coreografado por Zdenek Hampl e A Flauta Mágica, dirigido por Rubem Rocha Filho e coreografado por Mônica Japiassú. Em 2005, a ADR realiza o seu último trabalho, Senhora dos

² Cf. artigo *Videodança: um possível caminho dessa história no Recife*, escrito por Ailce Moreira de Melo nessa publicação.

Afogados, inspirado na obra de Nelson Rodrigues, com mesmo diretor e coreógrafa do trabalho anterior. Segundo o depoimento de Mônica Japiassú³, alguns desses trabalhos chegaram a ficar três meses em cartaz, situação rara na história da dança local e na atualidade. Podemos, então, perceber a atuação da Associação de Dança do Recife como uma ação aglutinadora de artistas que, não apenas criavam, mas produziam seus espetáculos e consolidaram um contexto mais profissional para dança.

“Esse processo auto-organizativo, gerador das estruturas dissipativas, constitui o que se denomina emergência: surgimento repentino no sistema de ações coordenadas sem liderança. Um fenômeno estruturado que traduz a instauração espontânea de uma coerência entre os agentes do sistema que experimentam um fluxo de interações de longo alcance, relacionando-se a distâncias inconcebíveis nas situações de equilíbrio manifesta um comportamento coletivo, cuja origem e padrão de funcionamento não resultam de aprendizado nem de regras prévias, mas evidenciam a vigência de novos mecanismos de comunicação entre eles”
(BRITTO, 2008:49)

A atuação da Associação foi curta em sua existência, com duração de apenas três anos. Mas essa nova forma de criar em dança, com elencos flexíveis e com a integração de artistas de diferentes áreas, foi replicada por alguns de seus agentes. Mônica Japiassú e Zdenek Hampl foram coreógrafos que perpetuaram esse pensamento cambiante e interdisciplinar criativo. Mesmo depois do fim da ADR, eles continuaram com trabalhos artísticos e pedagógicos que mantinham essas características.

Monica Japiassú replicou esse pensamento a partir do trabalho pedagógico, desenvolvido na Academia Mônica Japiassú nas décadas de 70, 80 e 90. A artista foi pioneira na implantação do método de dança criativa para crianças, influenciada pelo trabalho de Rolf Gelewski, e oferecia uma aula interdisciplinar, que integrava dança, iniciação musical e artes plásticas para crianças em sua academia. Seu trabalho artístico também teve repercussão no cenário cultural da cidade. Além, das criações realizadas dentro da ADR a coreógrafa criou o espetáculo *Morte e Vida Severina* (1980), inspirado

³ Entrevista concedida ao Acervo RecorDança por Mônica Japiassú, em 2004.

na obra homônima de João Cabral de Melo Neto e o espetáculo *Tempos Perdidos, Nossos Tempos* (1981), uma homenagem a Gilberto Freyre. Este último, inclusive, rendeu a publicação de um artigo escrito pelo próprio sociólogo homenageado, no *Jornal do Commercio* em 1981. Nos anos 2000, a artista foi responsável pela implantação da técnica de Pilates no Recife, em mais uma contribuição para o entendimento expandido da atuação da dança para o corpo da cidade.

Zdenek Hampl sempre agregou expoentes de outras artes da cidade em seus trabalhos e mesmo após o fim da ADR envolveu artistas desse contexto em suas futuras criações. Em seu depoimento para o *RecorDança*⁴, ele afirmou que um dos seus maiores desafios foi a criação do espetáculo *Festa da Pedra* (DVD 55), em 1989, que foi concebido e encenado no Ateliê de Francisco Brennand, incorporando as esculturas desse artista no corpo de bailarinos do espetáculo. Em 1990, Zdenek cria *Lua Cambará* (DVD 56), obra inspirada no texto de Ronaldo de Brito e que virou um vídeo homônimo, em 1991 (DVD 56). Outro trabalho remanescente do contexto da ADR, envolvendo profissionais desse contexto, foi o espetáculo *Peles da Lua*, criado em 1988 (DVD 58).

Zdenek sempre manteve essa postura independente em suas criações, nunca se filiando a um grupo específico, e mantendo sempre o trânsito entre contextos profissionais e de formação. Também teve sua criação ligada a algumas escolas, a exemplo do espetáculo de sapateado *Banguê Banguê* (DVD 58), da Academia Oficina de Dança, realizado em 1992. O espetáculo *Quadros Vivos*, de 1986, montado com bailarinos integrantes da academia Carolemos Dançarte.

Seu trabalho irreverente foi uma marca que propiciou a permanência do seu pensamento na cena do Recife e pôde ser acompanhada pelas novas gerações pelos trabalhos *Imagens* (DVD 59), em 2003 e *Sintonia* (DVD 58), em 2006. Seu pensamento e obra podem ser também acessados por meio dos documentários *Rec Poa* (DVD 57) e *Encontros no Recife* (DVD 59), realizado pelo *RecorDança*, pela entrevista feita com o artista pelo Grupo Grial, no vídeo *Memória em Dança* (DVD 59), e do livro *Constante Movimento*, escrito por ele antes de seu falecimento, em 2007.

⁴ Entrevista concedida ao Acervo *RecorDança* por Zdenek Hampl, em 2003.

As atuações posteriores dos envolvidos na Associação de Dança do Recife, não apenas Zdenek Hampl e Mônica Japiassú, mas também do elenco integrante dos espetáculos, apontam para uma reverberação dessa experiência, um estímulo para estruturação de um cenário de dança mais consistente para atuação profissional. Muitos desses artistas contribuíram para a construção de outras iniciativas em dança na cidade, fundando grupos ou escolas, se dedicando ao ensino, entre outras ações.

A ADR foi uma imprevisibilidade, um momento de emergência, que se deu como estratégia de permanência dos artistas da dança em Recife em um período em que as iniciativas de profissionalização ainda estavam em um sistema aberto. Mesmo não tendo se consolidado como iniciativa de continuidade, mas serve como um espaço-temporal de reflexão dos artistas da dança sobre diferentes caminhos para produção e que hoje é retomada na cidade por diferentes e singulares iniciativas como o do Coletivo Lugar Comum, o Colaborativo Permanência, Coletivo Grão Comum e Visível Núcleo de Criação e Cia Etc, com diferentes perspectivas de organização e de criação. E também pelo seu caráter político, de afirmação dos artistas da dança, fermentando um terreno para a profissionalização.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.222- 232.

BRITTO, Fabiana Dultra. *Temporalidade em dança: parâmetros para uma história contemporânea*. / Fabiana Dultra Britto. Belo Horizonte: Fabiana Dultra Britto, 2008. 1.ed.

CERBINO, Beatriz. *História da Dança: considerações sobre uma questão sensível*. In *Lições de Dança 5 Escola de Comunicação e Artes. Curso de Dança; coordenação Roberto Pereira – Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 2005.*

HAMPL, Zdenek. *Constante Movimento*. Olinda, PE: Ed. Associação Reviva, 2008.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Teoria do Conhecimento e Arte: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade*. / Jorge de Albuquerque Vieira – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

Entrevistas Recordança

ESCOBAR, Black: depoimento [2003]. Entrevistadores: H. Sette e R. Pires. Recife: 2004. Entrevista concedida ao Projeto RecorDança.

GUSMÃO, Maria Eduarda Buarque de: depoimento [2004]. Entrevistadores: L. Gesteira e R. Ramos. Recife: 2004. Entrevista concedida ao Projeto RecorDança.

JAPIASSÚ, Mônica: depoimento: [2004]. Entrevistadores: L. Gesteira e R. Ramos. Recife: 2004. Entrevista concedida ao Projeto RecorDança.

HAMPL, Zdenek: depoimento [2003]. Entrevistadores: L. Gesteira e V. Vicente. Recife: 2003. Entrevista concedida ao Projeto RecorDança.

SEHBE, Maria Isabel: depoimento [2004]. Entrevistadores: L. Gesteira e T. Vicente. Recife: 2004. Entrevista concedida ao Projeto RecorDança.